

25 NOV 1985 Aliados de ocasião

Ricardo Noblat

Os resultados da pesquisa do Ibope sobre a intenção de voto do eleitor no segundo turno animaram as alas mais radicais do PT a continuarem se opondo à política de alianças para enfrentar o candidato Collor de Mello. No raciocínio dessas alas, se não é tão larga como poderia vir a ser a vantagem de Collor sobre Lula, por que correr o risco de descaracterizar o PT, através de alianças com partidos que ele sempre combateu?



Sem o apoio, até aqui, do PDT e do PSDB, Lula cresceu mais do que Collor na pesquisa, se tomados por base os percentuais de votação dos dois no primeiro turno. Uma massa de 12% dos votos separa um do outro na pesquisa. Se pouco mais da metade dessa massa migrar para Lula, Collor será ultrapassado. Cada ponto percentual que se transfira de Collor para Lula representa dois pontos percentuais. Um ponto que Lula ganha. Outro que Collor perde.

As alas mais radicais do PT imaginam que Lula possa, sozinho, derrotar Collor. Elas concedem um lugar no palanque para uma fatia da esquerda do PMDB, do PSDB e do PDT e dispensam a campanha do resto. Se Brizola não quiser ficar ao lado de Lula, elas não se incomodarão nem um pouco com isso. Na verdade, as alas mais radicais do PT não se incomodariam, sequer, com uma eventual derrota de Lula no segundo turno.

De público, naturalmente, nenhum dirigente do PT admite mas o comando do partido está, de certa forma, ainda perplexo com a classificação de Lula para concorrer no segundo turno da sucessão presidencial. "Acho que aceleramos muito o processo", admitiu, há três dias, uma cabeça moderada e moderna do PT. Há algumas cabeças moderadas e modernas ali, por mais que os adversários só enxerguem as radicais e as antigas.

A idéia de que "o processo" foi muito acelerado decorre do sentimento, compartilhado por muita gente dentro do PT, de que ainda era cedo para que o partido alcançasse o poder. Na eleição municipal do ano passado, o PT disputou a Prefeitura de São

Paulo com a então radical deputada Luiza Erundina. Ela saiu candidata para perder.

Para ganhar, o PT teria empinado a candidatura mais palatável e contemporânea do deputado Plínio de Arruda Sampaio, atual líder do partido na Câmara dos Deputados. A direção nacional do PT, incluído nela o próprio Lula, não acreditava nas chances de Erundina vencer, e não pareceu muito interessada em que ela vencesse. Com poucos recursos, a candidata foi entregue à própria sorte ao longo da campanha.

A sorte dela foi que os eleitores paulistas, pelo menos 30% deles, queriam sinalizar, claramente, seu desejo de mudança — e de mudança rápida e para valer. Erundina foi eleita derrotando Paulo Maluf e João Leiva. A vitória dela deixou o PT perplexo e meio assustado. O susto tornou-se muito maior quando o partido descobriu que se tornara governo, também, em Porto Alegre, em Vitória e em outras cidades importantes.

Em quase todas as cidades que governa, o PT perdeu ou apresentou um fraco desempenho no primeiro turno da eleição do sucessor do presidente Sarney. Lula e os que o cercam mais de perto desejavam passar para o segundo turno. Algumas alas do PT, que detêm razoável poder de fogo, preferiam que Lula chegasse em terceiro lugar, logo atrás de Brizola e de Collor. Para derrotar Collor, Brizola então seria obrigado a caminhar para a direita.

Se Collor fosse derrotado, o PT de Lula ocuparia, praticamente, sozinho, o espaço de oposição ao governo de Brizola. O espaço também ficaria para o PT, se Brizola, com um discurso mais à direita, terminasse batido por Collor no segundo turno. Talvez tenha sido por pensar mais em ganhar a liderança da oposição, daqui para frente, do que em vencer a eleição que Lula radicalizou seu discurso no final do primeiro turno.

Radicalizou e venceu. Brizola está atento ao comportamento do PT. Acha que, se não subir no palanque de Lula, se descaracterizará como líder da oposição ao próximo governo. A direita irá para a oposição se Lula vencer. Lula ocupará, sozinho, o espaço de oposição se Collor ganhar. Contudo, se subir no palanque de Lula, Brizola dividirá, depois, com ele o espaço de oposição a Collor, ou com a direita o espaço de oposição a Lula. Deve acabar subindo, sim.